

/ PALAVRA DO LEITOR

Reforma da Rodoviária

A reforma da Estação Rodoviária de Porto Alegre receberá um investimento de aproximadamente R\$ 19,7 milhões, provenientes do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs), e tem prazo inicial de 13 meses para a conclusão das obras (Jornal do Comércio, edição de 31/03/2026). Estão colocando uma roupa antiquada em um corpo velho e ultrapassado. A Rodoviária de Porto Alegre há muito tempo não atende mais às necessidades da cidade. Hoje ela é um estorvo e gera um caos na principal saída da Capital, com seus inúmeros fluxos cruzados. Isso deveria ser objeto de um concurso público para profissionais habilitados a trazerem qualidade arquitetônica para a porta de entrada da cidade. Sinceramente, este projeto é tão pobre que parece ter sido feito por um estagiário que está cursando o terceiro semestre de arquitetura. *(Adriano Braga)*



Reforma da Rodoviária II

Gostaria de saber quando irão melhorar a saída da cidade. Não dá mais para manter a via no meio da entrada da cidade dessa forma, com semáforo e retorno. *(Luis Filipe Moura)*

Reforma da Rodoviária III

Está uma vergonha o estado de destruição da Rodoviária da Capital. Espero que melhore em breve. *(Maria do Carmo Hernandorena)*

Investimentos

A Docile, fabricante de doces com sede em Lajeado, inicia novo ciclo de investimentos para aumentar eficiência da fábrica (JC, 30/03/2026). A máquina não pode parar. A empresa está sempre evoluindo e a cada ano se destaca, tornando o mundo mais doce. Parabéns ao Nestor Heineck e família por fazer tantas gostosuras na Docile, que tem produtos de alta qualidade. *(Lafayette Leal)*

Correção

Ao contrário do publicado na edição de terça-feira (8), a foto sobre as obras de recuperação na BR-470 é de autoria de Evandro Oliveira.



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Escala 6x1 expõe crise do modelo laboral

Rodrigo Lorenzoni

A proposta de mudança na escala 6x1 levanta um debate importante, mas ele precisa ser amplo e racional. O desafio é maior e não pode ser reduzido à velha luta de classes entre trabalhadores e empregadores.

O problema real está em um modelo trabalhista ultrapassado, caro e engessado, que sufoca quem produz no Brasil e impede a geração consistente de empregos. O País ocupa posições preocupantes nos rankings de produtividade, cresce abaixo do potencial e insiste em soluções superficiais, sem enfrentar a raiz da questão.

A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), somada a encargos elevados sobre a folha de pagamentos, burocracia excessiva e insegurança jurídica, transformaram a contratação formal em um processo caro e arriscado. Para cada trabalhador contratado, o custo vai muito além do salário. O resultado é conhecido: menos vagas, avanço da informalidade, perda de competitividade e redução de investimentos.

Trocar uma jornada rígida por outra igualmente rígida não resolve o problema estrutural. Se a mudança vier acompanhada de aumento de custos, quem pagará a conta será o próprio trabalhador – com menos oportunidades, salários pressionados e empresas encolhendo ou fechando. Não existe mágica econômica:

eleva o custo de contratar, em um ambiente já hostil a quem empreende, significa restringir empregos.

O caminho mais consistente é avançar para um modelo baseado na liberdade de negociação, com proteção clara, mas com espaço real para acordos entre empregado e empregador. Em diversas economias desenvolvidas, a jornada é pactuada com flexibilidade, permitindo contratos ajustáveis, banco de horas negociado e formatos adequados à realidade de cada setor.

Liberdade econômica não é ausência de regras. É ter regras mais simples, previsíveis e compatíveis com a dinâmica do mercado. É substituir a desconfiança permanente por responsabilidade compartilhada.

O Brasil precisa decidir: moderniza suas relações de trabalho ou continuará debatendo sintomas enquanto a economia perde fôlego. A escolha é clara – mais rigidez e menos empregos, ou mais liberdade e mais oportunidades.

Deputado estadual (PP/RS)

Liderar sem armadura também é estratégia

Ana Nani

Durante décadas, o imaginário corporativo construiu uma figura quase mítica de liderança: o líder que nunca vacila, nunca demonstra dúvida e parece ter todas as respostas. A autoridade foi frequentemente associada à ideia de invulnerabilidade permanente.

Mas quem já esteve à frente de decisões reais sabe que essa imagem está distante da prática. Liderar não é parecer indestrutível. É sustentar direção em meio à pressão, à incerteza e a decisões difíceis. E isso exige algo que, por muito tempo, foi confundido com fraqueza: vulnerabilidade.

No mês da mulher, vale observar um dado revelador. Apesar dos avanços no mercado de trabalho, as mulheres ocupam apenas 36,7% das posições de liderança no Brasil, segundo o estudo Women in Business 2025. Parte dessa distância está ligada ao modelo histórico que associa autoridade à ausência de fragilidade.

Esse modelo mostra sinais de esgotamento.

Empresas que investem em diversidade e ampliam perspectivas apresentam melhores resultados, maior retenção de talentos e reputação mais sólida. A pluralidade deixou de ser pauta ideológica: tornou-se estratégia.

Liderança eficaz não nasce da tentativa de parecer invulnerável, mas da capacidade de tomar decisões, lidar com a incerteza e construir confiança. Como afirma Brené Brown, nossa capacidade de liderar com coragem nunca será maior do que nossa capacidade para a vulnerabilidade.

Vulnerabilidade, aqui, não é exposição descontrolada. É reconhecer limites, ouvir diferentes perspectivas e assumir responsabilidade. Na prática, aparece em atitudes simples: ajustar rotas, criar ambientes seguros e permitir que as pessoas contribuam sem medo.

Na minha trajetória liderando equipes, uma convicção se fortaleceu: a execução é essencial, mas sem conexão se esgota. Indicadores mostram eficiência, mas é a cultura que sustenta resultados no longo prazo.

Por isso, o desafio não é substituir um modelo de liderança, mas ampliá-lo: integrar firmeza e escuta, decisão e empatia. A armadura pode transmitir força, mas também limita. Liderar sem armadura não é fragilidade, é maturidade estratégica.

CEO da Alternativa F

O problema real está em um modelo trabalhista ultrapassado, caro e engessado